

Prejuízo com a moratória já chega a US\$ 250 milhões

SÃO PAULO — Cento e cinquenta dias depois de decretada a moratória da dívida externa não se sabe exatamente para que serve a suspensão do pagamento dos juros, mas fica claro, a esta altura, que seu custo financeiro é da ordem de pelo menos US\$ 250 milhões, ou em moeda nacional CZ\$ 150 bilhões só este ano. Este é o cálculo mais conservador do aumento dos *spreads* cobrado pelos bancos credores para manter as linhas que financiam o comércio exterior brasileiro.

“O encarecimento das linhas de curto prazo é consequência não só do aumento das taxas cobradas pelos bancos, mas do encurtamento das linhas” conta uma importante fonte do Ministério da Fazenda que nunca viu com bons olhos a moratória brasileira. Antes os prazos médios de financiamento das exportações e importações brasileiras eram de 180 dias, agora as linhas oscilam entre 30 e 60 dias.

— O vice-presidente do Banco Real, Juarez Soares, acredita que o maior custo da moratória para o Brasil foi ter acabado com as linhas de financiamento mantidas pelo

Eximbank, do governo norte-americano, bem como com as linhas de bancos congêneres da França, Alemanha, Suíça e Itália.

Em consequência, acredita Soares, as linhas de financiamento para a importação brasileira vêm encurtando dia a dia, ainda que o dinheiro que circula no projeto 3 seja suficiente para garantir os volumes de exportação do país.

O vice-presidente do Banco Real refere-se também aos prejuízos sociais da moratória no plano da geração de empregos internos, bem como aos prejuízos tecnológicos provenientes das dificuldades de reposição de tecnologia na indústria nacional. A exemplo da tecelagem, ela torna-se dia a dia mais obsoleta, observa ele.

O empresário Laerte Setúbal está preocupado é com a maneira como o Brasil vai sair dessa situação, já que está convencido de que encontrará muitas dificuldades nas negociações com os credores. “A moratória é o espinho na garganta de todas as negociações”, diz. O Brasil poderia ir “empurrando com a barriga” mas em algum momento terá que

pagar os US\$ 4,3 bilhões de juros que deve este ano.

Um dos maiores exportadores brasileiros, Setúbal se preocupa com o efeito da moratória nas linhas de curto prazo. “O efeito para as exportações é que o não entendimento na área externa terá reflexos no crédito de curto prazo às importações provenientes do Brasil”, diz Setúbal.

“Agora é necessário que se caminhe na direção de um acordo com os credores”, sentencia o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos, Edmundo Klotz. Até agora o setor continua com os planos de exportar este ano os mesmos US\$ 7 bilhões que exportou em 1986. “Até agora a moratória não nos atrapalhou muito”, diz Klotz.

“Mas não atrapalhar muito não é o mesmo que ser neutra”, pondera o empresário. Admite que a obtenção de linhas de financiamento às exportações se torna mais difícil e mais cara após a moratória. O *spread* bancário cobrado pelas instituições financeiras internacionais sobre as exportadoras era em média de 1% a 1,5% antes da moratória, agora esta

taxa pulou para 2,5% a 3%. E, mesmo assim, nem sempre é possível conseguir financiamentos.

As dificuldades variam de acordo com a tradição da empresa exportadora tem no exterior, junto aos seus agentes financeiros e clientes. As mais tradicionais conseguiram superar os problemas criados pela moratória, “mas as que estavam querendo entrar no mercado externo e as que estão querendo diversificar suas vendas foram bastante afetadas”, diz Klotz.

Em Brasília, o governo tem contas precisas sobre o custo da moratória, principalmente no Banco do Brasil, mas por uma questão de *marketing* prefere esconder o número. Os exportadores fazem uma conta simples, mostrando que o encarecimento de um ponto percentual sobre o total das exportações brasileiras, de mais ou menos US\$ 25 bilhões, apontariam para um gasto extra de pelo menos US\$ 250 milhões.

Reportagem de Luis Leonel, Celso Horta e Fátima Turci

Soares (abaixo) diz que as linhas de financiamento vem encurtando dia a dia. Setúbal (D) prevê muitas dificuldades nas atuais negociações

